NOITES BRANCAS ... OU VÁCUOS TEMPORAIS.

Leila Reinert¹

A fotografia mostra-se uma valiosa aliada na busca do inesperado, daquilo que nos surpreende no mesmo. A imagem fotográfica, para muito além de ser o registro de um fato, ou a avalista da verdade, é sempre criação/invenção de luz. Espaço/tempo fixado num instante. É do fotográfico decapitar o tempo e embalsamar o instante tornando eterno um lapso.

Apresento uma produção fotográfica cujo o tema são vistas das janelas de lugares por que passei. São fotos noturnas tiradas com longo período de exposição – o diafragma da câmera permanece aberto por muito tempo – de 15 minutos a uma hora, em média. Fotografias analógicas, luz impregnada na película, que leva tempo para ser revelada ao olhar ansioso do fotógrafo.

São fotos que perguntam: qual a duração de um instante? Pois a imagem resultante é ainda aquela de um lapso; de um instante condensado e de um tempo sobreposto no espaço, que satura a paisagem antes mesmo de saturar a imagem. Qual o resíduo de memória do olhar distraído do fotógrafo, não pela multiplicidade do entorno, mas pela pouca capacidade de concentração? As luzes se apagam, os carros passam, a chuva cai, e o olho não dura 15 minutos, uma hora, ou mais, no quadro da cena proposta. As coisas acontecem e nem olho nem câmera captam a velocidade do lapso. Resta, na imagem, o vazio do tempo que passa sem sentido.

Qual a cidade que se apresenta ao olhar no tempo da espera, do silêncio, da distração? Tempo da fila no banco, do consultório médico, tempo vazio, que esvazia a paisagem antes mesmo de esvaziar a imagem.

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil.

Figura 1 – São Paulo

Figura 2 – São Paulo

Figura 3 – São Paulo

Figura 4 – São Paulo

Figura 5 – São Paulo

Figura 6 – São Paulo

Figura 7 – Extrema

Figura 8 – Extrema

Figura 9 – Extrema

Figura 10 – Extrema

Figura 11 – Praia Alegre

Figura 12 – Praia Alegre